



DECOLONIALIDADE: A REPRESENTAÇÃO DE VOZES SUBALTERNAS E DA MATERNIDADE NA POÉTICA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

DECOLONIALITY: THE REPRESENTATION OF VOICES SUBALTERNES AND MOTHERHOOD IN CONCEIÇÃO EVARISTO'S POETICS

Zenil Josefa da Silva (UNEMAT)¹

Resumo: Este estudo traz uma discussão sobre a contribuição de Conceição Evaristo nos debates sobre decolonialidade, que através de seus textos literários e teóricos, bem como de seu posicionamento em conferências e entrevistas, em relação à maternidade de mulheres negras, à subalternidade e ao feminismo negro. É sabido que o colonialismo europeu deixou marcas profundas na vida dos povos colonizados, provocando grandes transformações culturais nos sujeitos envolvidos no processo colonialista. Atualmente, são muitos os autores que se debruçam sobre esse assunto para (re)pensar as dinâmicas históricas, sociais, culturais e artísticas dos países que, ao longo dos séculos, experimentaram a subjugação pelo poder colonial europeu. A colonialidade é entendida como a continuidade da propagação do pensamento colonial, sendo representada, essencialmente, pelas relações dominantes de poder, saber e ser. Assim, surge o termo decolonialidade, como uma proposta de enfrentamento à colonialidade e ao pensamento eurocêntrico, tido como modelo de civilização e de desenvolvimento. Evaristo luta contra o silenciamento das mulheres causado pelo imaginário negativo nascido de uma sociedade escravocrata que, até hoje, perpassa os modos das relações sociais brasileiras, construídas a partir do colonialismo europeu. Para trazer à luz essa discussão, tomo como objeto de estudo alguns poemas de Conceição Evaristo: “Eu-mulher”, “Vozes-mulheres”, “Bendito o sangue do nosso ventre” e “De mãe”, os quais compõem o livro *Poemas de recordação e outros movimentos* [2017]/(2021), assim como alguns textos teóricos e entrevistas da autora. O estudo também conta com embasamento teórico de Fanon, (2008), Quijano (2009), Mignolo (2017), Spivak (2010), entre outros.

Palavras-chave: Escrivência. Feminismo negro. Decolonialidade. Subalternidade. Maternidade.

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários PPGEL/UNEMAT (2023). Mestra em Letras – Literatura e crítica Literária pela PUC/Goiás. Especialista em Língua Portuguesa e Literatura pela Unemat. Especialista em Língua Espanhola e suas Literaturas pela Universidade Estácio de Sá. Graduada em Letras/Espanhol pela UFMT. Professora aposentada da Educação Básica da Rede Pública Estadual de Mato Grosso. Atuou como professora do Curso de Letras/Espanhol do Sistema UAB pela Unemat. E-mail: zeniljosefa@gmail.com.



Abstract: This study brings a discussion about Conceição Evaristo's contribution in debates about decoloniality, which through its literary and theoretical texts, as well as her positioning in conferences and interviews, in relation to motherhood black women, subalternity and black feminism. It is known that colonialismo European left profound marks on the lives of colonized peoples, causing great cultural transformations in the subjects involved in the colonialist process. At the moment, there are many authors who focus on this subject to (re)think the dynamics historical, social, cultural and artistic aspects of the countries that, over the centuries, experienced subjugation by European colonial power. Coloniality is understood as the continuity of the propagation of colonial thought, being represented, essentially, through the dominant relations of power, knowledge and being. Thereby, the term decoloniality emerges, as a proposal to confront coloniality and the thought Eurocentric, considered a model of civilization and development. Evaristo fights against silencing of women caused by the negative imagination born of a society slavery that, to this day, pervades the modes of Brazilian social relations, built from European colonialism. To bring this discussion to light, I take as an object of study some poems by Conceição Evaristo: "Eu-mulher", "Vozes-mulheres", "Bendito o sangue do nosso ventre" e "De mãe", which make up the book Poems of remembrance and other movements [2017]/ (2021), as well as some texts theorists and interviews by the author. The study also has a theoretical basis from Fanon, (2008), Quijano (2009), Mignolo (2017), Spivak (2010), and others.

Keywords: Escrivência. Black feminism. Decoloniality. Subalternity. Maternity.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS: ABORDAGENS TEÓRICAS

Escre(vi)(vendo)me: ligeiras linhas de uma autoapresentação.
(Conceição Evaristo)

O colonialismo europeu deixou marcas profundas na vida dos povos colonizados, provocando grandes transformações culturais nos sujeitos envolvidos no processo colonialista. Atualmente, são muitos os autores que se debruçam sobre esse assunto para (re)pensar as dinâmicas históricas, sociais, culturais e artísticas dos países que, ao longo dos séculos, experimentaram a subjugação pelo poder colonial europeu.

Para discutir essa problemática, Mignolo, em seu texto denominado *Desafios decolonias hoje*, começa por destacar "uma tríada de palavras que nomeia um conjunto complexo de relações de poder" (Mignolo, 2017, p. 13). São elas: a modernidade, a colonialidade e a descolonialidade. O



autor afirma que se trata de três palavras distintas e um só conceito verdadeiro e que as mesmas são interdependentes.

Colonialidade equivale a uma “matriz ou padrão colonial de poder”, o qual ou a qual é um complexo de relações que se esconde detrás da retórica da modernidade (o relato da salvação, progresso e felicidade) que justifica a violência da colonialidade. E descolonialidade é a resposta necessária tanto às falácias e ficções das promessas de progresso e desenvolvimento que a modernidade contempla, como à violência da colonialidade (Mignolo, 2017, p. 13).

Aníbal Quijano (2009), por sua vez, se empenha em distinguir os termos colonialidade e colonialismo. Para autor o termo colonialismo pode ser conceituado como um método de dominação/exploração de uma nação sobre outra por meios territoriais, culturais e econômicos. Mas nem sempre, nem necessariamente, implica relações racistas de poder. Já a colonialidade trata-se da constituição de um poder mundial capitalista, moderno/colonial e eurocentrado a partir da criação da ideia de raça, que foi biologicamente imaginada para naturalizar os colonizados como inferiores aos colonizadores.

Dessa forma, a colonialidade é entendida como a continuidade da propagação do pensamento colonial, sendo representada, essencialmente, pelas relações dominantes de poder, saber e ser. Assim, surge o termo decolonialidade, como uma proposta de enfrentamento à colonialidade e ao pensamento eurocêntrico, tido como modelo de civilização e de desenvolvimento

Assim sendo, a decolonialidade é considerada uma alternativa para resistir e desconstruir padrões, conceitos e perspectivas impostos aos povos subalternizados, como os negros descendentes de pessoas escravizadas, os povos indígenas, as mulheres, e a comunidade LGBTQia+, ou seja, aqueles grupos que foram silenciados, oprimidos e colocados à margem da sociedade, por muito tempo; sendo também uma crítica direta à modernidade e ao capitalismo.

A indiana Gayatri Chakravorty Spivak em seu ensaio *Pode o subalterno falar?* [1985]/(2010), lança um relevante questionamento sobre o direito que os subalternizados têm à fala. No título original em Inglês *Can the Subaltern Speak?* essa indagação é no sentido de que: “O subalternizado tem permissão falar?”, uma vez que nessa situação não se aplicaria o *can* no sentido de “saber falar”, “ser capaz de falar”, pois todos sabemos que a resposta seria sim. O subalternizado



sabe falar, é capaz de falar, o problema é que ao subalternizado não lhe é dada voz ou, quando este tem voz, sua voz nem sempre é ouvida. A própria teórica indiana responde sua pergunta de maneira negativa, pois, segundo a autora, o subalterno não pode falar devido a sua condição, e que o intelectual tampouco tem o direito de falar por ele. A estudiosa defende que a tarefa do intelectual é oferecer um espaço, não apenas para que o subalterno fale, mas também para que possa ser escutado.

A prefaciadora da referida obra de Spivak alerta para o emprego do termo “subalterno” que de acordo com sua interpretação, o mesmo não deve ser empregado para referir a todo ou qualquer sujeito marginalizado e sim para aquele cuja voz não pode ser ouvida. Citando Spivak ela afirma que o termo descreve “as camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante (Almeida, 2010, p. 12).

Mesmo que o texto de Spivak verse sobre a mudez do sujeito colonizado, e, primordialmente sobre a mudez da mulher indiana subalterna, a voz da escritora mineira Conceição Evaristo emerge como se tivesse a intensão de responder positivamente ao questionamento de Spivak. Sim, o subalterno pode falar. Porém, Evaristo nos mostra - através de seus textos literários, de suas conferências e entrevistas - que não é fácil se ter voz e fazer sua voz ser ouvida num país profundamente afetado pelos modos das relações sociais, construídas a partir de uma herança colonial e escravocrata.

A ESCRIVIVÊNCIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Devido à finalidade deste trabalho, faz-se necessário uma breve apresentação da autora dos poemas a serem analisados. Trata-se de Maria da Conceição Evaristo de Brito, conhecida por Conceição Evaristo, que nasceu em Belo Horizonte – MG, em 29 de novembro de 1946. Ela é graduada em Letras, Mestre em Literatura Brasileira e Doutora em Literatura Comparada. Trabalhou como babá e faxineira enquanto cursava os estudos secundários (normal), com intuito de ser professora. Se tornou professora da rede pública do Rio de Janeiro e, posteriormente, professora



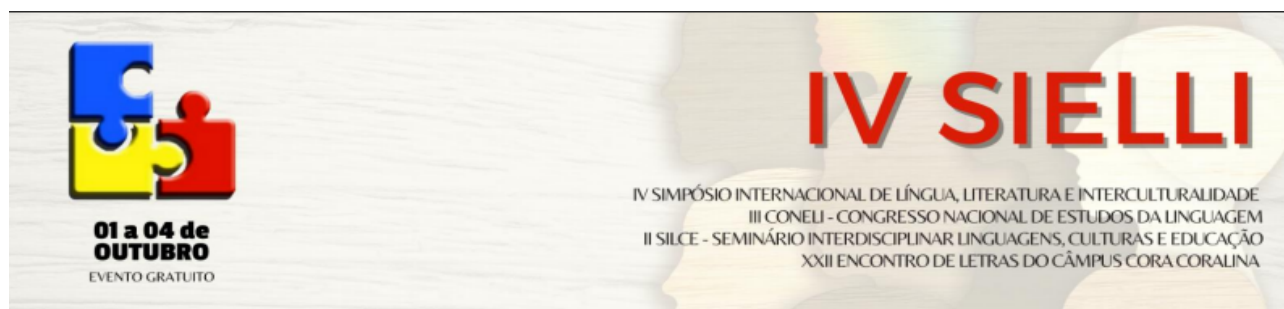
universitária. Poeta, romancista, ensaísta e participante ativista dos movimentos de valorização da cultura negra no Brasil. Seus primeiros textos literários foram publicados na série *Cadernos negros*. É uma escritora de procedência pobre e de etnia negra, seus textos trazem a experiência de opressão, de marginalidade, primando pela recuperação do passado ancestral e pela projeção de um futuro mais justo. Publicou diversas obras. São elas: Os romances *Ponciá Vicêncio* (2003), *Becos da Memória* (2006) e *Canção para Ninar Menino Grande* (2022); as coletâneas de contos: *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011) e *Histórias de leves enganos e parecenças* (2016). Publicou também um livro de poemas: *Poemas da recordação e outros movimentos* [2017]/(2021), objeto deste estudo; além de diversos ensaios e participações em antologias. Ganhadora de diversos prêmios, entre eles o Prêmio Jabuti, na categoria Personalidade Literária do Ano de 2019.

Em sua participação na mesa de escritores convidados do Seminário Nacional X Mulher e Literatura – I Seminário Internacional Mulher e Literatura/ UFPB – 2003²², Conceição Evaristo relatou que sua infância foi construída pela oralidade, através das narrativas feitas por sua mãe e outros membros da família. Suas leituras e sua formação acadêmica se tornaram ferramentas para fazer frente ao sistema excludente de nossa sociedade.

Ler foi também um exercício prazeroso, vital, um meio de suportar o mundo, principalmente adolescência, quando percebi melhor os limites que me eram impostos. Eu não me sentia simplesmente uma mocinha negra e pobre, mas alguém que se percebia lesada em seus direitos fundamentais, assim como todos os meus também, que há anos vinham acumulando somente trabalho e trabalho. Repito, eu lia (Evaristo, 2020, p. 219).

Assim sendo, a leitura e posteriormente a escrita, passaram a fazer parte das estratégias que Evaristo lançou mão para suportar o peso de se sentir lesada em seus direitos fundamentais. A partir da tomada de consciência de sua condição de subalternizada, a autora passa a escrever e em sua escrita literária começa a dar voz às mulheres negras, pobres e periféricas através da escrita de suas vivências. Foi assim que ela cunhou o conceito de “Escrevivência”. De acordo com Evaristo (2017, p. 8) “a imagem na qual essa palavra está fundamentada traz um processo histórico, ela nasce propositalmente querendo borrar a imagem das africanas escravizadas e suas descendentes que tinham de contar história para os da casa grande”.

²² Texto publicado em *Mulheres no Mundo – Etnia, Marginalidade e Diáspora* 2020. Ver referências.



Nesse sentido, sua escrevivência representa a fala de um corpo que não é apenas descrito, mas sobretudo, vivido, isto é, “a *escre (vivência)* das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra” (Evaristo, 2020, p. 223).

A seguir, analisaremos alguns de seus poemas com o intuito de apontar marcas históricas do colonialismo e da diáspora deixadas na vida das mulheres, em especial na vida das mulheres negras - descendentes de pessoas escravizadas – e pontuar suas lutas pelo direito de ser mulher e de exercer a maternidade com dignidade.

VOZES MATERNAS E FEMINISMO NEGROS

Para este estudo selecionei alguns poemas nos quais a autora faz ecoar a voz de uma linhagem de mulheres da família, numa luta pelo direito de ser mulher, de ser mãe e de demonstrar o orgulho de ocupar esses papéis na sociedade. Os poemas selecionados são: “Eu-mulher”, “Vozes-mulheres”, “Bendito o sangue do nosso ventre” e “De mãe”, os quais compõem o livro *Poemas de recordação e outros movimentos* (2021).

O poema “Eu-mulher” (2021, p. 23), deixa inscrito desde o título que o eu-lírico se propõe a falar sobre a força da mulher, sobre o empoderamento feminino, uma vez que a mulher, e unicamente a mulher, pode gerar vidas, pode dar luz a uma nova vida. Também só a mulher pode amamentar e menstruar. Trata-se de um poema composto por três estrofes. Na primeira estrofe o eu-lírico aborda a mulher como um ser sagrado, através da simbologia da maternidade, do leite materno e do sangue da menstruação. Ainda na primeira estrofe, os dois últimos versos nos remetem ao silenciamento da fala da mulher: “meia palavra mordida/me foge da boca”.

Uma gota de leite
me escorre entre os seios.
Uma mancha de sangue
me enfeita entre as pernas.
Meia palavra mordida
me foge da boca (Evaristo, 2021, p. 23).



Esse silenciamento da mulher pode ser representado pela inversão de valores que ocorreu ao longo do tempo. De acordo com a pesquisadora britânica Lara Owen (1994) nas culturas matriarcais, o sangue era reverenciado porque era considerado um portador de magia, representando o mistério da força vital. O sangue era considerado símbolo da vida e a menstruação, que antes era tida como algo sagrado, posteriormente, com a cultura do patriarcado, passou a ser vista como sinônimo de uma falsa inferioridade. Porém, combatendo essa suposta inferioridade atribuída às mulheres, o eu-lírico continua a insistir na importância da mulher na perpetuação da vida e no incômodo que a sua força causa àqueles que teimam em não acreditar no seu poder: “Em baixa voz/violento os tímpanos do mundo”.

Vagos desejos insinuam esperanças.
Eu-mulher em rios vermelhos
inauguro a vida.
Em baixa voz
violento os tímpanos do mundo.
Antevejo.
Antecipo.
Antes-vivo (Evaristo, 2021, p. 23).

A terceira e última estrofe tem início com o verso “Antes – agora – o que há de vir”. Nessa estrofe o eu-lírico recupera o tempo passo, que se une ao presente e se projeta num porvir para reafirmar que ontem, hoje e amanhã, a mulher foi, e sempre será, a que tem o poder de gerar vidas. A mulher é a fêmea-matriz, a força-motriz, a força que move o mundo. Ela é a única capaz de ser abrigo da semente. A autora finaliza o poema: “Eu-mulher/abrigo da semente/moto-contínuo/do mundo”.

O moto-contínuo é um conceito da física que consiste em uma promessa de uma fonte inesgotável de energia. Dessa forma, o poema se encerra afirmando que a mulher é essa fonte inesgotável de energia e precisa ser vista como tal.

Antes – agora – o que há de vir.
Eu fêmea-matriz.
Eu força-motriz.
Eu-mulher
abrigo da semente



moto-contínuo
do mundo (Evaristo, 2021, p. 23).

Neste poema, a autora utiliza a sua voz para dar voz às mulheres. Há uma gradação ascendente ao longo do poema. Na primeira estrofe o eu-lírico trata da importância da mulher como portadora da magia vital, porém ainda timidamente enuncia tudo em “meia palavra mordida”, sussurrada, que lhe foge da boca. Na segunda estrofe, a voz começa a erguer-se e a incomodar os opressores “Em baixa voz/violento os tímpanos do mundo”, já na terceira estrofe a mulher é descrita como força-matriz, força-motriz e moto-contínuo do mundo, num tom de enfrentamento e de contestação a essa sociedade patriarcal que insiste em negar o valor da mulher.

No poema “Bendito o sangue do nosso ventre” (Evaristo, 2021, p. 34-35), a poetisa volta a tratar a menstruação como conotação de sacralidade e simbologia de fonte da existência humana. O poema é uma oração de bênção ao fato de ser mulher, guardiã do tempo, continuadora da vida, a começar pelo adjetivo “bendito” já no título do poema.

Minha menina amanheceu hoje
mulher – velha guardiã do tempo.

[...]

De sua negra e pequena flor
um líquido rúbeo, vida-vazante escorre.
Dali pode brotar um corpo,
milagre de uma manhã qualquer (Evaristo, 2021, p. 34).

A menina costuma ter a sua menarca entre onze e catorze anos de idade, a partir da qual ela está preparada biologicamente para ser mãe. Quando ocorre a primeira menstruação, a menina já pode ser considerada mulher. O poema “Bendito o sangue do nosso ventre” é dedicado à Ainá, que aos 19 anos, teve a sua menstruação. Podemos interpretar que a autora escreve essa prece para louvar a menarca tardia de Ainá e a sua passagem de menina à mulher. A sacralidade do ato aparece em outros versos distribuídos ao longo do poema. A autora traz o registro de uma memória coletiva



ao empregar o pronome “nosso” já no título poema, e em seguida, evoca sua ancestralidade e traz para o texto os ritos sagrados de seus antepassados para celebrar a chegada da menstruação e as transformações ocasionadas pela puberdade.

E ali, no altar do humano-sagrado rito

[...]

Nossas vozes guardiãs do templo,
entoam salmos e ladainhas

[...]

E desde todo o sempre
matriciais vozes celebram

nossas vaginas vertentes,

[...]

glorificam, plenificadas de gozo,
o bendito sangue de nosso ventre,
por todos os séculos. Todos.
Amém (Evaristo, 2021, p.35).

O eu-lírico do poema dá voz às vozes guardiãs do templo sagrado - do corpo sagrado - trazendo de volta as conotações que relacionavam a menstruação aos ciclos da lua e ao símbolo de fertilidade e poder. Porém, diante da dominação da cultura patriarcal, esse sangue passou a ser tido como impuro e perigoso e serviu de motivo de inferioridade e exclusão social. Nesse sentido, a voz poética corrobora com o pensamento de Lara Owen, que em livro *Seu sangue é ouro - Despertando para a sabedoria da menstruação* (1994), inverte a representação do sangue menstrual como sujo e coloca-o como a representação do ouro e como signo de fertilidade, prosperidade e poder.

As vozes matriarcais, a constituição familiar e a herança das mulheres antecessoras são muito caras à Conceição Evaristo:

É preciso observar que a família representou para a mulher negra uma das maiores formas de resistência e de sobrevivência. Como heroínas do cotidiano, desenvolvem suas batalhas longe de qualquer clamor de glórias. Mães reais e/ou simbólicas, como as das Casas de



Axé, foram e são elas, muitas vezes sozinhas, as grandes responsáveis não só pela subsistência do grupo, assim como pela manutenção da memória cultural no interior do mesmo (Evaristo, 2020, p. 221).

Essa herança materna está presente no poema “De mãe” (2021, p. 79-80). Neste poema o eu-lírico relata uma série de aprendizados herdados de sua mãe que é retratada como um ser com grande sabedoria e uma imensa sensibilidade para perceber as coisas ao seu redor e também uma enorme generosidade para ensinar e partilhar suas experiências.

O cuidado de minha poesia
aprendi foi de mãe,
mulher de pôr reparo nas coisas,
e de assuntar a vida (Evaristo, 2021, p. 79).

A mãe era uma “mulher prenhe de dizeres,/fecundados na boca do mundo”. Nesses versos está manifesta a escrevivência de Evaristo, pois ela declara que cresceu cercada de palavras, não de livros, pois sua mãe frequentou pouco a escola, uma vez que foi criada na roça. Mesmo a mãe sendo uma pessoa com pouco conhecimento escolar, era uma pessoa com muito conhecimento de mundo (Evaristo, 2017). Percebemos isso na quinta estrofe quando o eu-lírico afirma que:

Foi mãe que me descegou
para os cantos milagreiros da vida
apontando-me o fogo disfarçado
em cinzas e a agulha do
tempo movendo no palheiro (Evaristo, 2021, p. 80).

Nesta estrofe o eu-lírico expressa a compreensão de que foi a mãe o “descegou”, isto é, que o fez enxergar as venturas e desventuras da vida, fazendo-o perceber as armadilhas da vida metaforicamente representadas pelas expressões “fogo disfarçado em cinzas” e “agulhas do tempo movendo no palheiro”. Nessas imagens podemos apreender que os conhecimentos ancestrais são passados de mãe para filha.

O poema “De mãe” é finalizado com versos que reiteram que os conhecimentos do eu-lírico foram recebidos da mãe, essa mulher forte e sábia que fez despertar nele a sensibilidade para se apreciar as coisas mais simples da natureza, mas também para enxergar as desgraças da humanidade



como “os corpos vazios rente às calçadas”, até sua habilidade para usar a palavra como artifício, arte e ofício de sua fala.

Foi mãe que me fez sentir as flores
amassadas debaixo das pedras;
os corpos vazios rente às calçadas
e me ensinou, insisto, foi ela,
a fazer da palavra artifício
arte e ofício do meu canto,
da minha fala (Evaristo, 2021, p. 80).

O eu-lírico, construído por Conceição Evaristo neste poema, declara que sua fala foi aprendida com sua mãe. Falas que foram erguidas para dar visibilidade à sua própria fala e para resgatar e (re)significar vozes de outras mulheres que fazem parte de sua linhagem familiar, conforme vemos no poema “Vozes-mulheres”.

Em “Vozes-mulheres” (2021, p. 24-25) a voz que enuncia se posiciona a partir do tempo presente, resgatando vozes de uma ancestralidade, unindo as vozes do passado (representadas pela bisavó, pela avó e pela mãe); a voz do presente (representada pela voz do eu-lírico). O futuro é projetado na voz da filha que está incumbida de enunciar a vida, a esperança e a liberdade.

O poema é composto por seis estrofes. Cada estrofe é dedicada a uma das mulheres da família e apenas à filha coube duas estrofes. Na primeira estrofe essa voz é representada pelos lamentos de uma bisavó, quando criança, confinada nos porões de um navio negreiro na diáspora africana. Na segunda estrofe, o eu-lírico traz a voz da avó, obediente a seus senhores brancos. Na terceira estrofe é resgatada a voz da mãe, já demonstrando timidamente sua revolta pela situação vivida enquanto trabalhava nas casas das famílias brancas. Ela não é mais oficialmente escravizada, mas é mais uma a habitar uma favela, conforme verificamos a seguir.

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.



**01 a 04 de
OUTUBRO**
EVENTO GRATUITO

IV SIELLI

IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE
III CONELI - CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
II SILCE - SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR LINGUAGENS, CULTURAS E EDUCAÇÃO
XXII ENCONTRO DE LETRAS DO CÂMPUS CORA CORALINA

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela (Evaristo, 2021, p. 24)

A quarta estrofe traz a voz de eu-lírico que se posiciona como alguém que herdou as desventuras de ser um descendente das pessoas escravizadas, vítimas do colonialismo que marcou o país e deixou um rastro de sangue e fome.

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome (Evaristo, 2021, p. 25).

Nas duas últimas estrofes a filha é a portadora da voz que se levantará em favor de todas as vozes que foram caladas anteriormente, vozes que ficaram “engasgadas na garganta” e se fará ecoar buscando a liberdade. À filha coube duas das estrofes, a única que recebeu um espaço maior dentro do poema, podendo simbolizar que o sofrimento vivido pelas gerações anteriores foi grande, mas a esperança de liberdade, depositada na filha, é ainda maior.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade (Evaristo, 2021, p. 25)

Em “Vozes mulheres” a autora faz o mesmo movimento já realizado em “Eu-mulher” em que as vozes são levantadas de maneira gradativa. A voz da bisavó criança ecoou lamentos nos



porções dos navios, voz esta, impossível de ser ouvida; a voz da avó ecoou obediência aos brancos; a voz da mãe ecoou baixinho revolta. Aqui já notamos alguma possibilidade de ser ouvida. A voz do eu-lírico, que é a voz do presente, ainda luta por mudanças, escrevendo versos, mesmo que sejam com “rimas de sangue e fome”. Os leitores desses versos podem ajudar a construir uma teia de vozes contra as injustiças. E por último, cabe à filha, que teve maior espaço no poema, reunir todas essas vozes e se posicionar como um novo agente de transformação em busca da libertação.

Frantz Fanon (2008), acredita que é essa a luta pela libertação que o novo agente de transformação deve empreender para efetivar a descolonização. De acordo com Fanon, o negro sofre um processo de alienação da sua própria existência, sua personalidade é escondida atrás das cortinas do racismo e do colonialismo, que acaba por construir sujeitos subordinados. O desejo de Fanon é que os negros tomem consciência de sua situação de desumanização e sigam em busca de sua liberdade, tomando para si próprios as rédeas de sua existência. Porém, Fanon entende que o negro sempre lutou contra essa desumanização imposta pelos brancos colonizadores e que sempre buscou o reconhecimento de suas conquistas que quase sempre lhe era negado. "Eu acenava para o mundo e o mundo amputava meu entusiasmo. Exigiam que eu me confinasse, que encolhesse" (Fanon, 2008, p. 107).

Notamos que nos textos analisados, bem como em diversos textos de sua autoria, Conceição Evaristo, como agente de luta pela transformação, traz a problemática do feminismo negro, da maternidade e da subalternidade para serem repensados por seus leitores. São suas as palavras a seguir:

Investindo contra várias formas de silenciamento, as mulheres negras continuam buscando se fazerem ouvir na sociedade brasileira, conservadora de um imaginário contra o negro. Imagens nascidas de uma sociedade escravocrata perpassam, até hoje, profundamente, pelos modos das relações sociais brasileiras construídas a partir do colonialismo europeu (Evaristo, 2020, p. 222).

Dessa forma, Evaristo se constitui uma intelectual, cuja voz se ergue em prol daquilo que ela própria gostaria de dizer e também daquelas que ainda não detêm o poder da palavra. É como se a escritora mineira, uma intelectual do mais alto gabarito, estivesse colocando em prática os desejos expressos por Spivak em *Pode o subalterno falar?*



O subalterno não pode falar. Não há valor algum atribuído à “mulher” como um item respeitoso nas listas de prioridades globais. A representação não definiu. A mulher intelectual como uma intelectual tem uma tarefa circunscrita que ela não deve rejeitar com um floreio (Spivak, 2010, p. 126).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conceição Evaristo, apoderando-se de seu *status* de intelectual, além de dar voz às mulheres subalternizadas, traz também uma denúncia do espaço (ou da falta de espaço), que as mulheres, principalmente as negras e as mãe-negras, têm na literatura brasileira. A autora argumenta que a forma como certas personagens são construídas contribuem para a perpetuação de um imaginário negativo sobre a mulher negra.

Percebe-se que na literatura brasileira a mulher negra não aparece como musa ou heroína romântica, aliás, representação nem sempre relevante para as mulheres brancas em geral. A representação literária da mulher negra, ainda ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor, não desenha para ela a imagem de mulher-mãe, perfil desenhado para as mulheres brancas em geral. Personagens negras, como Rita Baiana, Gabriela e outras, não são construídas como mulheres que geram descendência. Observando que o imaginário sobre a mulher na cultura ocidental constrói-se na dialética do bem e do mal, do anjo e demônio, cujas figuras símbolos são Eva e de Maria e que corpo da mulher *se salva* pela maternidade, a ausência de tal representação para a mulher negra, acaba por fixar a mulher negra no lugar de um mal não redimido. Quanto à mãe-preta, aquela que causa comisseração ao poeta, cuida dos filhos dos brancos em detrimento dos seus. Mata-se no discurso literário a sua prole, ou melhor, na ficção elas surgem como mulheres infecundas e, portanto, perigosas (Evaristo, 2020, 220).

Para contestar esse imaginário criado pela sociedade brasileira conservadora e retrógrada, Conceição Evaristo, em sua escrevivência, traz a voz da mulher e toda sua genealogia: bisavó, avó, mãe, filha. A poetisa declara também que “essa imagem da mãe-preta me incomoda muito” (Evaristo, 2017, p. 08). E para não nos deixar esquecer o tratamento dado às mães-pretas e a constituição familiar das pessoas escravizada, contamos com a contribuição de Vergès:

Sabe-se que sob um regime de escravidão, a qualquer momento se podiam arrancar os filhos de suas mães; que elas não estavam autorizadas a defende-los; que as mulheres negras estavam sob proteção dos filhos de seus proprietários como amas de leite, que meninas e mulheres negras eram exploradas sexualmente e que todos esses papéis estavam submetidos aos caprichos do senhor de escravos/as, de sua esposa e filhos/as. Os homens



eram privados do papel social de pai e de companheiro. Essa destruição de laços familiares que era estabelecida pela lei, continua a projetar sua sombra sobre as políticas familiares que visam às minorias racializadas e aos povos indígenas (VERGÊS, 2020, p. 43).

A luta contra o direito das mulheres em geral e contra a destruição de laços familiares das famílias negras não é recente. É emblemático o discurso proferido por Sojourner Truth (1797-1883) na Convenção pelos Direitos das Mulheres em Akron, Ohio, nos Estados Unidos, em 29 de maio de 1851. Sojourner Truth era mulher negra feminista, abolicionista e defensora dos direitos das mulheres. Nesse discurso, citado por Ângela Davis (2016), Truth questionava a negação do exercício da maternidade às mulheres negras escravizadas: “Não sou eu uma mulher? Dei à luz treze crianças e vi a maioria ser vendida como escrava e, quando chorei em meu sofrimento de mãe, ninguém, exceto Jesus, me ouviu! Não sou eu uma mulher?” (Davis, 2016, p. 72). Ângela Davis ressalta que no século XIX, nos Estados Unidos, a exaltação ideológica da maternidade não era estendida às mulheres negras. Essas mulheres não eram vistas como mães, e sim, como reprodutoras, capazes de ampliar a força de trabalho escravo. Eram animais de reprodução, cuja capacidade de se multiplicar, garantia o seu valor monetário.

Inconformada com esse imaginário negativo criado por uma sociedade escravocrata em torno da mulher negra, da privação do seu direito de ser mãe e exercer sua maternidade, que há muito tempo está sendo denunciado por mulheres como Truth, que Conceição Evaristo une todas as vozes do passado - vozes silenciadas pela história – e as faz ecoar em seus poemas, contos, romance, conferências e entrevistas, como um grito de liberdade. Conforme a própria autora declara “A nossa ‘escrevivência’ não é para adormecer os da casa grande, pelo contrário, é para incomodá-los em seus sonos injustos” (Evaristo, 2017, p. 8).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sandra Regina Gulart. [Prefácio] Apresentando Spivak. In: SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

DAVIS, Ângela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. 1ª. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.



EVARISTO, Conceição. Nasci rodeada de palavras. [Entrevista concedida a Esdras Soares e Tereza Ruiz]. **Na Ponta do Lápis**. São Paulo, ano XIII, n. 29, p. 6-11, jun. 2017.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: SCHNEIDER, Liane; MOREIRA, Nadilza Martins de Barros (Org.). **Mulheres no Mundo – Etnia, Marginalidade e Diáspora**. V.05, 2.ed. João Pessoa: Editora do CCTA, p. 218-229, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Rio de Janeiro: Malê, 2021.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

MIGNOLO, Walter. **Desafios decoloniais hoje**. Revista Epistemologias do Sul, Foz do Iguaçu/PR, p. 12-32, 2017.

OWEN, Lara. **Seu sangue é ouro: resgatando o poder da menstruação**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.